

Historia triste

Já sou velha e os velhos não teem ideias!... Vou, porém, descrever ás minhas bondosas leitoras o meu ideal de moça e o completo desmorronar das minhas illusões!

Aos 15 annos só tinha um desejo: casar... Nesta época, os mais frívolos sentimentos e os mais absurdos pensamentos eram dominadores unicos do meu ser...

Sem freio era o meu modo de pensar! Queria casar-me, e o faria com um velho, um moço, um feio ou bonito, rico ou pobre. Tudo para satisfazer o meu louco ideal: o casamento!

Dos 15 aos 18 annos, foi minha vida um «flirt» continuo e variado.

Não condemnem minha volubilidade, caras leitoras, pois tudo era innocencia de um coração que não conhecia a vida e que cêdo foi castigado, quando estava resolvido a tudo sacrificar, para dedicar todo seu affecto e ternura a um ente que carinhosamente lhe fez conhecer o amor sincero e verdadeiro.

Era meu vizinho na Laguna* um estudante da Academia de Direito do Rio, que viera passar as ferias com sua tia, uma excellente senhora, amiga de minha mãe. Não foi difficil o nosso conhecimento; era elle um rapaz alto, bello, distincto e elegante como um Napoleão, (era assim que eu o chamava), e eu moça de 18 annos, já com um pouco de seriedade nas minhas aspirações! Após as relações, veio a intimidade com um amor forte e quasi violento abrasar os nossos corações...

Quiz o meu Napoleão transformar-me, em breve, me fez bem outra! Era agora, em logar de diabrete casador,

uma verdadeira victima devotada ao amor, idealizando unicamente a sua bella cabelleira crespa e o seu porte de príncipe, que me fazia inconscientement tomar attitudes de princeza orgulhosa!

Foi breve o tempo das ferias; a reabertura da Academia veio terminar o nosso idyllio, mas os nossos corações já estavam bem um senhor do outro! Foi de um anno a nossa separação.

Chegadas novamente as ferias, o meu Napoleão veio passar-as novamente commigo. Mas, oh surpresa! elle já não era o robusto rapaz de outr'ora... Vinha pallido, magro e com uma tosse impertinente, que o deixava exaustado por longas horas recostado numa cadeira, tendo por signal de vida só os seus lindos olhos que me procuravam com expressão febril de profundo desespero!... Era preciso uma mudança de ares; foi então que meu pai lhe offereceu a sua fazenda em Lages, e para lá partimos eu, minha mãe, Napoleão esua tia. A tuberculose venceu; mezes depois estava o meu querido agonizante, e eu triste, cheia de desillusões, á sua cabeceira, confiando, porém, na misericórdia infinita de Deus! Seguí os passos da morte até o fim; com calma e resignação ouvi as suas ultimas palavras, quasi inintelligiveis!...

—E's jovem, esquece pois o nosso amor, e procura amar a outro mais feliz do que eu!...

Sua voz extinguiu-se, e elle expirou, tendo as minhas mãos nas suas sem que eu tivesse tempo de responder-lhe na altura da minha dôr!

O que se passou depois, não sei! Voltei á vida um mez após, tendo o cadaver da esperanza sepultado no coração.

E' esta a triste historia da minha vida, em que o amor me fez velha aos 20 annos!... Os annos passaram e a minha

PENNA, AGULHA E COLHER

Assignaturas

Anno 2\$000

Mez \$200

Pagamento adiantado

Quem obtiver 10 assignaturas annuaes pagas, terá direito a uma gratuita.

Grande é a medida da primeira flor

—2, 1, 1.

Alegre é a margem do regato—1, 2.

R. C.

Segundo torneio charadistico

Durará tres mezes: Janeiro, Fevereiro e Março.

Haverá dois premios: um para a charadista mais valente; outro, para a autora da composição que, por votação das nossas leitoras e collaboradoras, fôr julgada melhor.

dôr é sempre recente, ainda hoje; com 35 annos e a cabeça toda grisalha, só admitto uma consolação: a oração, e, por distracção, só procuro os beijos dos filhinhos de meu irmão...

1º—1—1918

Zanessa

Dominios da Esphinge

4) LOGOGRIPHO

A' Zenir Alcêa

O rogo, o pranto, a força, a majestade, nunca me subjugaram, nem venceram! E, desde o berço da humanidade, ao poder meu, os homens se renderam.—1, [8, 7, 6, 3.

Quem sois vós, que de prantos, dôr e maguas e horror e confusão encheis a terra?... D'onde vindes?... occultos sob as aguas, no ar dispersos, quem vos trouxe?... —a guerra! 9, 2, 4, 3, 5.

Quando a procella em brumas se desata, e o bramir das aguas allucina, d'essa voragem que regela e mata, afasta, ó Deus! —a nave peregrina!

Heloisa

5) CASAL

A medida serve de enfeite—2

I. A.

6) APHERESADA

3) Esta cidade italiana não é velha—2

I. A.

7—9) NOVISSIMAS

Quanta claridade nesta cidade—1, 1

I. A.

Vaidade curada

COMEDIA EM 3 ACTOS

Adaptação de EDÉSIA ADUCCI

PERSONAGENS

Selma, 16 annos)
Zilda, 14 ») irmãs
Luizinha, 10 »)
Ignez, 16 annos, sua prima.

ACTO II

SCENA V

Zilda e Ignez

ZILDA—(pensativa) Si não fosse preta, assim tão preta como carvão...

IGNEZ—Mas que tem isso? A cousa principal é—tirar as manchas.

(Ri ás occultas) Experimente, Senhorita, tenha coragem! (Approxima-se della com um pedacinho de algodão.)

ZILDA—(afastando-se, assustada) Ai! não! não! pode não produzir effeito!

IGNEZ—Mas a Senhorita é muito medrosa! O que está escripto entende qualquer pessoa de juízo: desaparece em dez minutos, mais ou menos. (A' parte) Ella não se engana tão facilmente como eu pensava! (Alto) Vamos, Senhorita, deixe-me ajudal-a.

ZILDA—(afastando-a) Não, não! deixe-me socegada! Experimentarei mais tarde, quando ficar escuro, para que as outras não vejam.

Dez minutos me bastam para a experiencia. Quanto custa a caixinha?

IGNEZ—Oito mil réis, Senhorita.

ZILDA—Que diz? Oito mil réis?

IGNEZ—Certamente.

ZILDA—Então devo ficar com as minhas espinhas, pois não tenho tanto dinheiro! Oh! que pena!

IGNEZ—Si a Senhorita não pôde pagar os oito mil réis, não é preciso comprar a caixinha: a Sra. pagará apenas a dose empregada, que eu mesma collocarei no seu bello rosúfho, para que nada se perca desta preciosa pomada. Eu sympathizei muito com a Senhorita, por isso pagará só 500 réis!

Ah! minha menina, a Senhorita será a cigana mais bonita do mundo, quando ficar livre dessas espinhas!

ZILDA—Então, sim... não... não sei... tenho medo... Está bom... venha... ponha aqui... não!... eu mesma botarei!

IGNEZ—A Sra., com essas mãosinhas tão alvas e delicadas? Não, Senhorita, isto não pode ser.

Veja, eu estou de luvas bem grossas, justamente para fazer este serviço.

ZILDA—Não, não! eu tenho medo! (Afasta-se de Ignez)

IGNEZ—(approxima-se della e põe-lhe o pó no rosto) Acabemos com isso! Não seja tola!

ZILDA—(chorosa) Ainda não chega?! Como não estarei horrorosa!

IGNEZ—(ainda esfregando o pó) E' verdade, porém não faz mal, pois quanto mais feia agora, tanto mais bonita depois! (Esfrega ainda) Assim... prompto. (Acaba de esfregar) Mas... não esfregue!

Tenha cuidado! Entendeu? Sinão... sinão a pelle rebenta! Deve deixar desaparecer por si. (Suja de proposito a mão de Zilda, mas finge que foi por acaso). Oh! que pena! Que tola fui, estragando assim a preciosissima pomada!

ZILDA—(triste) Ainda me faltava mais esta! Ail pobre de mim!

IGNEZ—Ora, veja, Senhorita, como sou uma pessoa séria: disse que fazia por 500 réis, e fica mesmo por isso.

ZILDA—(abrindo a bolsa) Tome o dinheiro!... Pfui! (olhando para a mão) que pomada negra! Antes não tivesse querido!

IGNEZ—(guardando o dinheiro) Es-

teja satisfeita, Senhorita! Os dez minutos passam depressa. Fique ahí sentada bem quietinha e não esfregue, sinão...

ZILDA—(zangada, tapando os ouvidos) Chega! chega! já sei disso! (Vê-se no espelho) Ail! como estou horrível!

IGNEZ—(rindo) Sim, horrível! medonha! Como as outras não hão de rir!

ZILDA—(espantada) Vem alguém? (sae correndo).

IGNEZ—(vae á porta e grita, para que ella ouça) Mas tenha cuidado! Não vá limpar o rosto! Fique sentada bem quietinha!... (Volta para o meio da sala) A minha idéa teve bom exito! Ah! priminha! espero que te emendes! (Ri) Ah! ah! Ignez, uma cousa tal nunca tinhas feito em tua vida!

SCENA VI

Ignez e Selma

SELMA—(entrando) Mas quem é que está falando aqui tão alto? (Espantada) Uma mulher extranha aqui na sala?!

IGNEZ—Extranha? Então não conheces a Ignez, Selma?

SELMA—Como? Tu és?... tu eras?...

IGNEZ—Uma vendedeira ambulante que vendeu—Vanitas pulvis—á priminha Zilda, e foi muito bem succedida!

SELMA—Ah! comprehendo! E' possível? Conseguiu o que desejavas?

IGNEZ—Ora si consegui!... Vem, Selma, que te contarei tudo.

(Cae o pannu)

Fim do II acto

Receitas

SAUDADES

500 grammas de assucar, 500 grammas de polvilho, 2 colheres de manteiga, 3 ovos, herva doce em pó. Enrola-se em fórma de S.—Forno brando.

BOLO A' PRESSA

6 ovos, 6 colheres de assucar, 6 dc. fuba mimoso e 2 colheres de manteiga. Bate-se muito bem e assa-se em tabo-leiro untado de manteiga.

FATIAS CELESTES

Batem-se bem 6 ovos (sendo 3 sem as claras) com 250 gr. de assucar; em seguida deitam-se 250 gr. de farinha de trigo, um pires (pequeno) de doce de cidra ralada, e uma colher de queijo ralado. Unta-se o taboleiro e deita-se o doce, e, depois de assado em forno regular, corta-se em fatias que são depois cobertas com assucar e canella.

GLACÉ

Batem-se muito 125 gr. de assucar e 2 claras; depois deitam-se algumas gotas de caldo de limão, e continua-se a bater até que a massa fique bem dura e clara. Serve para enfeitar qualquer doce.

ANCILLA DOMINI

Instantaneos

—Creio que o seu dentista era algum descendente directo de Tiradentes.

Alegres risadas acolheram essa tirada de Georgina.

Affonsina, que tambem havia achado graça, approximou-se de Ruth que estava um pouco espantada, e disse-lhe rindo ao ouvido.

*«Mulheres quando se juntam
Pra falar da vida alheia
Começam na lua nova,
Acabam na lua cheia!»*

—E talvez os homens não nos fiquem muito inferiores, queridinha, que dizes?

—Ah! Affonsina, será sempre assim?

—Mais ou menos; na nossa sociedade feminina, o nível intellectual é realmente muito rasteiro. Seria bom que algumas corajosas arrostassem a tarefa de o elevar um pouco. Infelizmente ha perigo de contagio; pouco a pouco vaese achando certo espirito nas criticas mais ou menos maldosas, e raro é quando após uma reunião destas não sae a consciencia ferida ao menos de leve.

—Que estão vocês a cochichar ahi? — perguntou Georgina. Ouvi falar em consciencia, estarão por acaso preparando a confissão de amanhã?

—Que idéa! exclamaram as outras.

—Ah! se fosse possivel supprimir a obrigação de confessar se a gente uma vez por anno! — suspirou Alice. Para mim é a cousa mais penosa que ha.

—Nada mais facil do que abandonar a confissão, — disse Georgina. Eu nunca me confessei e já tenho 20 annos. Papá não consente por causa de abusos. Diz elle que as moças vão aprender cousas improprias.

Affonsina teve um sorriso triste:

—Teu pae leva-te a theatros; não receia que aprendas lá cousas improprias?

—Ah! isso é diferente!

—Realmente o é, e no confessorio a innocencia mais absoluta não corre o menor risco... E sabes que se não póde affirmar o mesmo dos theatros que frequentas, de certos livros e revistas que lês... De resto talvez me engane eu, mas, acho, bem pouco, ou nada teus que aprender; que dizes, Georgina?

A moça riu-se sem corar; era-lhe agradável e lisongeiro ser tida em conta de livre pensadora, espirito adiantado, emancipado das peias de uma moral estreita, etc.

—*Il faut que jeunesse se passe* — disse ella.

—Detesto a significação que dão a essa phrase, — retrucou Affonsina; admitto-a sómente com a restrição de Mme. Lavergne. Referindo-se á juventude dos filhos, para os quaes procurava divertimentos são e licitos, aquella illustre escriptora dizia:

—*Il faut que jeunesse se passe bien.*

—Davas um optimo pregador, Affonsina, disse Laura em tom de debique.

A moça não relevou a luva; com affabilidade pediu a Georgina:

—Canta-nos alguma cousa bonita.

—Genero serio?

—Sim. Canta *l'Anneau d'argent* de Chaminade, que vai a mil maravilhas para a tua voz.

(Continua)